

BIBLIOTECA  
DE  
ALMAS



RANSOM RIGGS



# BIBLIOTECA DE ALMAS

— O TERCEIRO LIVRO —

DAS CRIANÇAS PECULIARES

DA

— SENHORA PEREGRINE —

Tradução de  
SUSANA SERRÃO



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2017

# CAPÍTULO I

O

monstro não estava nem a uma língua de distância, de olhos fixos nos nossos pescoços, o cérebro definhado cheio de fantasias de assassinio. A fome que tinha de nós era como eletricidade no ar. Os sem-alma já nascem sedentos das almas dos peculiares, e ali estávamos nós, perfilados diante daquilo como num bufê: o aperitivo Addison a proteger corajosamente o território aos meus pés, de cauda em riste; a Emma atracada a mim para se apoiar, ainda tonta do impacto e sem conseguir fazer mais do que a chama de um fóssforo; as nossas costas em escadinha contra a cabina telefónica desfeita. Além do nosso lúgubre círculo, a estação de metropolitano parecia o rescaldo de um bombardeamento noturno. O vapor saía dos canos rebentados a chiar em volutas fantasmagóricas. Os monitores lascados pendiam do teto, de pescoço partido. Um mar de vidro estilhaçado estendia-se até aos carris, a relampejar nas luzes estroboscópicas vermelhas e histéricas que assinalavam a emergência, qual bola de espelhos com milhares de metros quadrados. Estávamos encurralados, uma parede dura de um lado e vidros até às canelas do outro, a duas passadas de uma criatura cujo único instinto natural era desmembrar-nos – e, contudo, não fazia por se aproximar, mantendo-se a pouca distância. Parecia ter ganhado raízes no chão, a oscilar nos calcanhares como um bêbado ou um sonâmbulo, com a cabeça da morte pendente e as línguas qual ninho de cobras que eu tinha encantado até adormecerem.

Eu. Eu tinha feito essa proeza. Jacob Portman, zé-ninguém de Nenhures, Florida. Aquilo não estava agora a assassinar-nos – aquele horror feito de trevas acumuladas e pesadelos colhidos em crianças adormecidas –, porque eu lhe tinha pedido que não o fizesse. Tinha-lhe dito, categoricamente, que tirasse a língua de volta do meu pescoço. *Para trás*, dissera eu. *Fica*, dissera eu – num idioma feito de sons que eu nem sabia poderem sair de boca humana – e, milagrosamente, aquilo tinha ficado,

de olhos a desafarem-me enquanto o corpo me obedecia. Eu tinha, não sei como, domado o pesadelo, lançado um sortilégio sobre aquilo. Ora, as coisas adormecidas acabam por acordar e os sortilégios perdem o efeito, especialmente os lançados por acaso, e, por baixo da superfície plácida, eu sentia o sem-alma a ferver. O Addison meteu-me o focinho na barriga da perna.

– Hão de vir aí mais errantes. A besta vai-nos deixar passar?  
– Fala com aquilo outra vez – pediu a Emma numa voz difusa e vaga. – Manda-o ir bugiar.

Procurei as palavras, mas tinham-se tornado tímidas.

– Não sei como.

– Mas soubeste há minutos – disse o Addison. – Parecia que tinhas um demónio dentro de ti.

Há minutos, antes de eu saber que conseguia, tinha as palavras na ponta da língua, à espera de saírem. Agora que eu as queria de volta, era como apanhar peixes só com as mãos. De cada vez que tocava numa, ela fugia-me do alcance.

– Vai-te embora! – gritei. As palavras saíram em fala de gente.

O sem-alma não se mexeu. Endireitei as costas, fixei aqueles olhos de frasco de tinta e tentei outra vez.

– Fora daqui! Deixa-nos em paz! – Fala de gente, outra vez.

O sem-alma inclinou a cabeça para um lado como um cão curioso mas, de resto, era uma estátua.

– Foi-se embora? – perguntou o Addison.

Os outros não sabiam ao certo; só eu o conseguia ver.

– Ainda cá está – respondi. – Não sei o que se passa.

Sentia-me tolo e desanimado. Teria o meu dom desaparecido assim, tão depressa?

– Deixa lá – confortou-me a Emma. – Seja como for, não se consegue fazer os sem-alma serem razoáveis. – Ela estendeu uma mão e tentou soltar uma chama, mas limitou-se a crepitá. Parecia que o esforço a deixava esgotada. Segurei-a bem pela cintura para ela não cair.

– Poupa as forças, pau de fósforo – disse o Addison. – De certeza que vamos precisar delas.

– Hei de lutar com as mãos frias se tiver de ser – retorquiu a Emma.  
– Tudo o que importa é encontrarmos os outros antes que seja tarde demais.

Os outros. Eu ainda os conseguia ver, na imagem que perdurara perto dos carris: a elegante roupa do Horace toda suja; a força da Bronwyn que não chegava para as pistolas dos errantes; o Enoch tonto da explosão; o Hugh a aproveitar o caos da explosão para descalçar os pesados sapatos da Olive e deixá-la flutuar para longe; a Olive apanhada pelo calcanhar e puxada para baixo antes de poder fugir do alcance deles. Todos a chorarem aterrorizados, metidos no comboio a pontapé e na mira de pistolas, levados. Levados com a *ymbryne* que quase nos tínhamos matado para encontrar, a rumarem agora vertiginosamente às entranhas de Londres e a uma sina pior do que a morte. «É tarde demais», pensei. Já era tarde demais no momento em que os soldados do Caul nos tinham atacado no esconderijo gelado da Carriça, a senhora Wren. Já era tarde demais na noite em que confundíramos o irmão malévolos da senhora Peregrine com a nossa amada *ymbryne*. Porém, eu tinha jurado a mim mesmo encontrar os nossos amigos e a nossa *ymbryne*, custasse o que custasse, mesmo que só houvesse mortos a resgatar – mesmo que juntássemos os nossos corpos a essa pilha. Eu estava decidido.

Por conseguinte, algures na escuridão relampejante havia uma saída para a rua. Uma porta, uma escadaria, uma escada rolante, lá longe na parede oposta. Mas como lá chegar?

– Sai-nos do caminho, raios! – gritei para o sem-alma, numa derradeira tentativa. Fala de gente, sem dúvida.

O sem-alma mugiu como uma vaca mas não se mexeu. Era escusado. As palavras já não estavam em mim.

– Plano B – anunciei. – Aquilo não me ouve, portanto temos de o contornar, esperando que fique quieto.

– Contornamo-lo por onde? – perguntou a Emma.

Para o contornarmos a uma boa distância, tínhamos de passar pilhas de vidro... mas os estilhaços fariam picadinho das pernas nuas da Emma e das patas do Addison. Ponderei alternativas: eu podia levar o cão ao colo, só que ficava faltar a Emma. Podia pegar num estilhaço comprido e cravá-lo nos olhos da coisa – manobra que já me tinha dado muito jeito no passado – mas, se não o conseguisse matar à primeira, aquilo iria acordar e matar-nos de certezinha. A única passagem possível era um pequeno intervalo sem vidros entre o sem-alma e a parede, mas era estreito – trinta centímetros de largura, talvez. Tínhamos de nos espremer

contra a parede. Receei que essa proximidade com o sem-alma, ou pior, um toque por acidente, acabasse com o frágil transe que o controlava. Porém, tirando ganhar asas e voar-lhe por cima da cabeça, parecia ser a única opção.

– Consegues andar um pouco? – perguntei à Emma. – Cambalear, pelo menos?

Ela esticou as pernas e afrouxou o braço que me pressionava a cintura, para experimentar o peso do corpo.

– Consigo coxejar.

– Então isto vai ser assim: esgueiramo-nos ao lado daquilo, de costas para a parede, por aquela passagem ali. O espaço não é muito mas, se tivermos cuidado...

O Addison viu ao que eu me referia e encolheu-se todo dentro da cabina telefónica.

– Achas que devíamos ficar assim tão perto daquilo?

– Provavelmente, não.

– E se aquilo acordar enquanto estivermos...?

– Não acorda – afirmei, fingindo-me confiante. – Não façam movimentos bruscos; façam o que fizerem, não lhe toquem.

– Tu agora és os nossos olhos – disse o Addison. – Que o pássaro nos guarde!

Escolhi um belo estilhaço no chão e enfiei-o no bolso. Arrastando os pés até à parede, encostámo-nos aos azulejos frios e começámos a avançar devagarinho para o sem-alma. Mexeu os olhos quando começámos, fixou-os em mim. Poucos passos laterais depois, ficámos envoltos numa bolsa de fedor de sem-alma tão mau, mas tão mau, que até me vieram as lágrimas aos olhos. O Addison tossicou e a Emma levou a mão ao nariz.

– Só mais um pouco – disse eu, a voz roufenha de tanto fingir calma. Tirei o vidro do bolso, agarrei-o com a parte pontiaguda para fora, dei mais um passo, e mais outro. Já estávamos tão perto que eu poderia tocar no sem-alma com o braço esticado. Ouvi-lhe o coração a bater nas costelas, o ritmo a acelerar a cada passo que dávamos. Estava a pressionar-me, a lutar com cada neurónio para tirar as minhas desajeitadas mãos do controlo que lhe tinha imposto.

– Não te mexas – ordenei, articulando as palavras em fala de gente.

– Tu és meu. Eu controlo-te. Não te mexas.

Encolhi a barriga e pus o peito para dentro, alinhei e encostei cada vértebra à parede, e percorri à caranguejo o espaço entre a parede e o sem-alma.

– Não te mexas, não te mexas.

Desliza, arrasta, desliza. Sustive o fôlego quando o do sem-alma se acelerou, húmido e estertoroso, uma bruma preta e vil a sair-lhe das narinas. A ânsia de nos devorar devia ser lacinante. A minha ânsia de fugir também, mas não lhe liguei; teria sido tornar-me presa daquilo e não dono daquilo.

– Não te mexas, não te mexas.

Mais uns passos, mais uns centímetros, e passaríamos. O ombro daquilo a um cabelo do meu peito.

– Não...

Mas mexeu-se. Num movimento único, o sem-alma rodou a cabeça e girou o corpo de frente para mim. Retesei-me todo.

– Não se mexam – disse eu, em voz alta, para os outros.

O Addison escondeu a cabeça nas patas e a Emma estacou, com o braço a apertar o meu como um torno. Preparei-me para o que viria – as línguas, os dentes, o fim.

– Para trás, para trás, para trás. – Fala de gente, fala de gente, fala de gente.

Passaram-se segundos e, espantosamente, não nos matou. Tirando o arfar do peito, parecia que a criatura se tinha empedernido outra vez.

Fui experimentando, milímetro a milímetro, deslizar junto à parede. O sem-alma seguia-me o movimento rodando a cabeça sincopadamente – preso a mim como a agulha de uma bússola, o corpo em perfeita sintonia com o meu – mas não se movimentou, não abriu a bocarra. Se qualquer que fosse o sortilégio que eu lhe lançara se tivesse perdido, já estariámos mortos. O sem-alma vigiava-me, apenas. Esperava instruções que eu não sabia dar.

– Falso alarme – disse eu, e a Emma suspirou de alívio.

Saímos da estreita passagem, soltamo-nos da parede e afastámo-nos dali o mais depressa que a Emma conseguiu coxear. Quando já estávamo a uma distância segura do sem-alma, olhei para trás. Tinha-se virado por completo de frente para mim.

– Fica – murmurei em fala de gente. – Lindo menino.